

**KARIN
SLAUGHTER**

DESTROÇADOS
3

Tradução de
Claudia Costa Guimarães



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2017

Prólogo

Allison Spooner queria sair da cidade no período das festas de fim de ano, mas não tinha para onde ir. Também não tinha motivo para ficar, mas pelo menos era mais barato. Pelo menos tinha um teto sobre sua cabeça. Pelo menos a calefação do seu apartamentinho de merda funcionava de vez em quando. Pelo menos podia comer uma boa refeição no trabalho. Pelo menos, pelo menos, pelo menos... Por que tudo na sua vida sempre tinha de ser o mínimo? Quando chegaria o momento de ser o máximo?

O vento começou a soprar com mais força, e ela cerrou os punhos dentro dos bolsos do casaco leve. Não estava chovendo, exatamente, estava mais para uma garoa, uma umidade fria que caía, dando-lhe a sensação de passear por dentro do focinho de um cachorro. A friagem gelada que subia do lago Grant só piorava as coisas. Cada vez que a brisa soprava com mais força, era como se pequenas navalhas cegas cortassem sua pele. Era para aquilo ser o Sul da Geórgia, não a porcaria do Polo Sul.

Enquanto se esforçava para não escorregar nas margens ladeadas por árvores, tinha a sensação de que, a cada onda que batia na lama, a temperatura baixava em mais um grau. Ela se perguntou se os sapatos frágeis seriam o bastante para impedir que seus dedos dos pés queimassem com o frio. Tinha visto um sujeito na TV que perdera todos os dedos das mãos e dos pés dessa forma. Ele se dissera grato por continuar vivo, mas as pessoas dizem qualquer coisa para aparecer na TV. Do jeito que andava a vida de Allison nos últimos tempos, o único programa no qual acabaria seria o noticiário noturno. Mos-

trariam uma foto dela — provavelmente aquele retrato horroroso do anuário do ensino médio — ao lado das palavras: “Morte Trágica”.

Allison não ignorava a ironia de que seria mais importante para o mundo se estivesse morta. Ninguém dava a mínima para ela agora: a vidinha miserável que se esforçara tanto para ter, a luta constante para acompanhar as aulas enquanto fazia malabarismo para se manter em dia com todas as outras responsabilidades de sua vida. Nada disso importaria para ninguém, a não ser que ela aparecesse congelada às margens do lago.

O vento soprou forte outra vez. Allison deu as costas para o frio, sentindo dedos gelados cutucarem suas costelas e comprimirem seus pulmões. Um arrepio fez seu corpo tremer. Sua respiração formou uma nuvem à sua frente. Fechou os olhos. Entoou seus problemas por entre os dentes que batiam sem parar.

Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro. Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro.

O mantra continuou por muito mais tempo do que a rajada penetrante. Allison abriu os olhos. Virou-se. O sol se punha mais rápido do que ela notara. Virou-se, ficando de frente para o prédio da faculdade. Será que deveria voltar? Ou seguir em frente?

Escolheu seguir em frente, baixando a cabeça para se proteger do vento uivante.

Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro.

Jason: O namorado tinha se mostrado um babaca, aparentemente da noite para o dia.

Faculdade: Ia acabar levando bomba se não arrumasse mais tempo para estudar.

Dinheiro: Não ia conseguir sobreviver, quanto mais fazer faculdade, se reduzisse ainda mais as horas no trabalho.

Carro: Tinha começado a soltar fumaça naquela manhã quando ela o ligara, o que não era nada de mais, porque ele vinha soltando fumaça havia meses, só que desta vez a fumaça foi para dentro do carro, pela ventilação. Ela havia ficado sufocada ao dirigir para a faculdade.

Allison foi em frente com passos pesados, acrescentando “congelamento” à sua lista enquanto seguia a curva do lago. A cada vez que piscava, tinha a sensação de que suas pálpebras cortavam finas camadas de gelo.

Jason. Faculdade. Dinheiro. Carro. Congelamento.

O medo de congelar lhe pareceu mais imediato, embora relutasse em admitir que, quanto mais se preocupava com isso, mais calor parecia sentir. Talvez seu coração estivesse batendo mais rápido, ou o ritmo dos passos estivesse aumentando enquanto o sol começava a se pôr, e ela se deu conta de que toda aquela lamúria sobre morrer de frio talvez se tornasse realidade se ela não se apressasse.

Allison estendeu o braço e se apoiou numa árvore para conseguir passar por um emaranhado de raízes que mergulhava água adentro. Sentiu o tronco molhado e esponjoso sob os dedos. Um freguês havia devolvido um hambúrguer hoje no almoço dizendo que o pão estava esponjoso demais. Era um homem grandalhão e grosseiro, que usava equipamento de caça da cabeça aos pés, não o tipo de cara de quem se espera ouvir uma palavra delicada como “esponjoso”. Ele havia flertado com ela, e ela tinha correspondido, e, quando ele foi embora, deixou uma gorjeta de cinquenta centavos sobre uma refeição de dez dólares. Chegou a piscar para ela enquanto saía porta afora, como se estivesse lhe fazendo um favor.

Ela não sabia quanto mais ia conseguir aguentar daquilo. Talvez sua avó tivesse razão. Garotas como Allison não faziam faculdade. Arrumavam um emprego na fábrica de pneus, conheciam um cara, engravidavam, se casavam, tinham mais dois filhos, então se divorciavam, às vezes nessa ordem, outras, não. Se ela tivesse sorte, o cara não bateria muito nela.

Era esse o tipo de vida que Allison queria para si mesma? Era o tipo de vida que estava escrito em seu sangue. Sua mãe vivera assim. Sua avó vivera assim. Tia Sheila vivera assim, até apontar uma espingarda para o tio Boyd e quase arrancar-lhe a cabeça. As três Spooners tinham, em algum ponto da vida, jogado tudo para o alto por causa de um homem inútil.

Allison assistira àquilo acontecer com a mãe com tanta frequência que, quando Judy Spooner foi internada pela última vez, com cada pedaço de suas entranhas devorado pelo câncer, a filha só conseguia pensar no desperdício que tinha sido a vida da mãe. Dava até para *ver* o desperdício. Aos 38 anos, tinha cabelos ralos e quase que completamente grisalhos. Sua pele estava desbotada. Suas mãos haviam se transformado em garras devido ao trabalho executado na fábrica de pneus — tirando os pneus da esteira, fazendo testes de pressão, colocando-os de volta na esteira, pegando o pneu seguinte, então outro e mais outro, mais de duzentas vezes por dia, de forma que cada junta do seu corpo doía quando se enfiava na cama, à noite. Aos 38 anos ela recebeu o câncer de braços abertos. Recebeu o alívio de braços abertos.

Uma das últimas coisas que Judy dissera a Allison era que estava contente por estar morrendo, contente por não ter mais de estar sozinha. Judy Spooner acreditava no paraíso e na redenção. Acreditava que, um dia, ruas de ouro e muitas mansões substituiriam sua estrada de cascalho e uma vida toda vivida num estacionamento de trailers. Allison só acreditava no fato de que nunca tinha sido o bastante para a mãe. O copo de Judy estava perpetuamente meio vazio, e todo o amor que Allison despejara sobre ela o longo dos anos jamais completaria sua mãe.

Judy sentira-se atraída demais pela lama. Pela lama do emprego que não a levaria a lugar algum. Pela lama de um homem inútil atrás do outro. Pela lama de um bebê que atrapalhava a sua vida.

A faculdade seria a salvação de Allison. Era boa em ciências. Olhando para a família que tinha, não fazia sentido, mas, de alguma forma, ela entendia como as substâncias químicas funcionavam. Compreendia, num nível básico, a síntese de macromoléculas. O entendimento de polímeros sintéticos veio junto. E o mais importante de tudo: ela sabia estudar. Sabia que em algum lugar da Terra sempre havia um livro com a resposta, e a melhor forma de encontrar essa resposta era lendo todos os livros que chegassem às suas mãos.

No último ano do ensino médio, ela havia conseguido ficar longe dos garotos, das bebidas e da metanfetamina, que tinha arruinado

quase todas as meninas da sua idade em sua cidadezinha natal de Elba, Alabama. Não ia terminar como uma daquelas garotas sem alma e exaustas que trabalhavam no turno da noite e fumavam cigarros Kools porque eram elegantes. Não ia acabar com três filhos de três homens diferentes antes de chegar aos 30. Nunca ia acordar certa manhã sem conseguir abrir os olhos porque o punho de algum homem os golpeará até fechá-los na noite anterior. Não ia acabar morta e sozinha numa cama de hospital igual à mãe.

Pelo menos era o que pensava quando deixou Elba, três anos antes. O Sr. Mayweather, seu professor de ciências, lançara mão de todos os recursos que lhe foram possíveis para conseguir que ela fosse aceita numa boa faculdade. Queria que ela fosse para o mais longe possível de Elba. Queria que ela tivesse um futuro.

Grant Tech ficava na Geórgia, não tão longe de Elba em quilômetros quanto dava a impressão de ser. A faculdade era enorme se comparada à sua escola secundária, cuja turma de formandos tivera 29 alunos. Allison passara a primeira semana no campus perguntando-se como era possível apaixonar-se por um lugar. Suas turmas eram cheias de garotos que tinham crescido com oportunidades, que nunca haviam pensado em *não* fazer faculdade assim que terminassem o ensino médio. Nenhum dos colegas dava risadinhas quando ela erguia a mão para responder a alguma pergunta. Não achavam que estava fazendo média ao prestar atenção no professor, ao tentar aprender alguma coisa além de como fazer unha francesinha ou aplicar *mega hair* nos próprios cabelos.

E a região em torno da faculdade era tão linda. Elba era um flá-gelo, até mesmo para o sul do Alabama. Heartsdale, a cidade onde ficava Grant Tech, lembrava uma cidadezinha dessas que se veem na televisão. Todo mundo cuidava de seus quintais. Flores ladeavam a Main Street na primavera. Desconhecidos acenavam para você com um sorriso no rosto. Na lanchonete onde ela trabalhava, os moradores locais eram muito gentis, mesmo quando davam péssimas gorjetas. A cidade não era grande a ponto de ela se perder. Infelizmente, não era grande a ponto de não esbarrar com Jason.

Jason.

Ela o conhecera no segundo ano. Era dois anos mais velho que ela, mais experiente, mais sofisticado. Sua ideia de um encontro romântico não era entrar de fininho num cinema e dar uma rapidinha na última fileira antes de o gerente expulsá-los. Ele a levava a restaurantes de verdade, com guardanapos de tecido sobre as mesas. Segurava sua mão. Escutava o que ela tinha a dizer. Quando transaram, ela finalmente compreendeu por que chamavam aquilo de fazer amor. Jason não queria coisas melhores só para ele. Queria coisas melhores para Allison. Ela achava que o que tinham era sério — que os dois últimos anos de sua vida haviam sido dedicados construindo alguma coisa com ele. Então, de repente, ele tinha se transformado numa pessoa diferente. De repente, tudo o que tinha sido tão sensacional no relacionamento deles era o motivo pelo qual ele estava desmoronando.

E, igual à sua mãe, Jason de alguma forma conseguira fazer com que tudo fosse culpa de Allison. Ela era fria. Era distante. Era exigente demais. Nunca tinha tempo para ele. Como se Jason fosse um santo carinhoso que passava os dias pensando no que poderia fazer Allison feliz. Não era ela quem passava noites inteiras enchendo a cara com os amigos. Não era ela que vinha se misturando com o povo esquisito da faculdade. E com certeza não tinha sido ela que os envolvera com aquele babaca da cidade. Como podia ser culpa de Allison se ela nunca nem tinha visto a cara do sujeito?

Allison estremeceu outra vez. Parecia que, a cada passo dado ao redor daquele lago maldito, a margem aumentava em cem metros só de implicância. Olhou para baixo, para o chão molhado sob os pés. Vinha chovendo sem parar havia semanas. Inundações repentinas haviam isolado estradas, derrubado árvores. Allison nunca tinha reagido muito bem ao mau tempo. A escuridão a afetava imensamente, tentava colocá-la para baixo. Deixava-a instável e chorosa. A única coisa que sentia vontade de fazer era dormir até o sol aparecer de novo.

— Merda! — sibilou Allison, segurando-se antes que escorregasse. A barra da calça estava dura de tanta lama, os sapatos quase

encharcados. Olhou para o lago revoltado. A chuva grudava em seus cílios. Afastou os cabelos com os dedos enquanto encarava a água escura. Talvez devesse se deixar escorregar. Talvez devesse se deixar cair no lago. Qual seria a sensação de se deixar levar? Qual seria a sensação de permitir que a correnteza a levasse até o meio do lago, onde os pés já não alcançassem o fundo e os pulmões já não conseguissem puxar o ar?

Não era a primeira vez que pensava naquilo. Devia ser o tempo, a chuva persistente e o céu melancólico. Tudo parecia mais deprimente quando chovia. E algumas coisas eram ainda mais deprimentes do que outras. Na quinta-feira passada, um jornal publicara a matéria sobre uma mãe e uma filha mortas por afogamento em seu Fusca, a três quilômetros da cidade. Estavam muito próximas da Terceira Igreja Batista quando a rua de repente foi inundada, e elas foram arrastadas para longe. Algo no projeto dos Fuscas antigos os fazia boiar, e o modelo mais recente também havia boiado. Pelo menos de início.

A multidão da igreja, que acabara de sair do jantar comunitário costumeiro, viu-se incapaz de fazer qualquer coisa por medo de ser levada na inundação. Assistiram horrorizados enquanto o Fusca rodopiava na superfície da água para, então, virar. A água invadiu o interior. Mãe e filha foram atiradas na correnteza. A mulher entrevistada pelo jornal contou que dormiria todas as noites e acordaria todas as manhãs pelo resto da vida vendo a mão daquela crian inha de 3 anos estendida para fora da água antes do momento final em que a pobrezinha foi puxada para baixo.

Allison também não conseguia parar de pensar na criança. Apesar de estar na biblioteca quando aquilo aconteceu. Apesar de jamais ter conhecido a mulher, a criança ou mesmo a senhora que dera o depoimento para o jornal, ela via aquela mãozinha estendida toda vez que fechava os olhos.  s vezes, a mão ficava maior.  s vezes, era sua mãe que estendia a mão, pedindo ajuda.  s vezes, acordava gritando, porque a mão a puxava para baixo.

Para falar a verdade, a mente de Allison tinha se voltado para pensamentos sombrios muito antes da matéria do jornal. Não podia

culpar completamente o clima, mas era certo que a chuva constante e o tempo implacavelmente nublado tinham revirado seu próprio tipo de desespero dentro de sua mente. Até que ponto seria mais fácil simplesmente ceder? Por que voltar para Elba e se transformar numa velha desdentada e exausta com 18 filhos para alimentar quando podia simplesmente entrar no lago e, uma vez na vida, assumir o controle do próprio destino?

Estava se transformando na mãe com tanta rapidez que quase conseguia sentir os cabelos ficarem grisalhos. Era tão idiota quanto Judy — acreditando estar apaixonada quando o cara só estava a fim do que ela tinha entre as pernas. Sua tia Sheila tinha dito basicamente isso ao telefone na semana passada. Allison havia ficado choramingando por causa de Jason, perguntando-se por que ele não retornava suas ligações.

Um longo trago no cigarro, então, junto com a fumaça, soltou: *“Está falando igualzinho à sua mãe.”*

Uma faca no peito teria sido mais rápida, mais justa. A pior parte era que Sheila tinha razão. Allison amava Jason. Amava-o até demais. Amava-o o bastante para ligar para ele dez vezes por dia mesmo que ele não atendesse. Amava-o o bastante para apertar o “atualizar” da droga do computador a cada dois minutos, para ver se ele tinha respondido algum de seus 9 bilhões de e-mails.

Amava-o o bastante para estar ali no meio da noite fazendo o trabalho sujo que ele não tinha colhão para fazer.

Allison deu outro passo para mais perto do lago. Podia sentir o calcanhar escorregando, mas a necessidade automática do corpo pela autopreservação assumiu o controle antes de ela cair. Ainda assim, a água bateu em seus sapatos. As meias já estavam encharcadas. Os dedos dos pés estavam para lá de dormentes, já no ponto em que uma dor aguda parecia perfurá-los até os ossos. Será que seria desse jeito: um entorpecimento lento, despencando até um falecimento indolor?

Ela tinha pavor de sufocar. Esse era o problema. Amara o oceano talvez durante uns dez minutos quando era pequena, mas isso muda-

ra quando ela completou 13 anos. Seu primo imbecil, Dillard, uma vez a segurara debaixo d'água na piscina municipal, e atualmente ela não gostava nem de tomar banho de banheira porque tinha medo da água subir pelo nariz e ela entrar em pânico.

Se Dillard estivesse ali, provavelmente a empurraria para dentro do lago sem ela nem ter de pedir. Na primeira vez em que segurara sua cabeça debaixo d'água, ele não demonstrara o menor remorso. Allison vomitara o almoço. Chorara de soluçar. Os pulmões dela queimavam, e ele se limitava a dizer: “He-he”, igual a um velho que belisca a parte detrás do seu braço com toda a força só para ouvir você gritar.

Dillard era filho de Sheila, filho único, ainda mais decepcionante para ela do que o pai dele, se é que isso era possível. Cheirava tanto spray de tinta que seu nariz tinha uma cor diferente a cada vez que você o via. Fumava cristal. Roubava a mãe. A última coisa que Allison soubera dele era que fora preso por tentar roubar uma loja de bebidas com uma pistola d'água. O balconista já tinha aberto o crânio dele com um taco de beisebol na hora que a polícia chegou. O resultado era que Dillard tinha ficado ainda mais burro do que antes, mas isso não o impediria de aproveitar uma boa oportunidade. Ele teria dado um belo empurrão em Allison com as duas mãos, atirando-a de cabeça na água enquanto deixava escapar a velha risadinha. “He-he.” Enquanto isso, ela ficaria se debatendo, cavando seu caminho até o afogamento.

Quanto tempo levaria até que ela desmaiasse? Quanto tempo teria de viver apavorada antes de morrer? Fechou os olhos outra vez, tentando pensar na água envolvendo-a, engolindo-a. Devia estar tão fria que, de início, daria a sensação de calor. Não se podia viver muito tempo sem ar. Desmaíamos. Talvez o pânico tomasse conta, fazendo-nos entrar em algum tipo de inconsciência histérica. Ou talvez nos sentíssemos vivos — inundados pela adrenalina, lutando como um esquilo preso num saco de papel.

Ela ouviu um galho quebrar às suas costas. Allison se virou, surpresa.

— Jesus!

Escorregou outra vez, dessa vez de verdade. Ficou agitando os braços abertos. Os joelhos cederam. A dor roubou-lhe o fôlego. Caiu de cara na lama. Uma mão agarrou-lhe a nuca, forçando-a a permanecer no chão. Allison inalou o frio intenso da terra, a lama molhada e pegajosa.

Ela instintivamente se debateu, lutando contra a água, lutando contra o pânico que inundava sua mente. Sentiu um joelho ser enfiado na base de sua coluna, prendendo-a ao solo. Uma dor abrasadora cortou sua nuca. Allison sentiu o gosto de sangue. Não queria aquilo. Queria viver. *Tinha* de viver. Abriu a boca para berrar isso até que seus pulmões explodiram.

Mas, logo em seguida, a escuridão.